

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

— Era para as senhoras conversarem mais à vontade...

As duas trocaram, sobre a minha derrotada pessoa, um olhar que encerrava um comentário qualquer, seguramente depreciativo, sobre a mesma e triste pessoa — e continuaram a falar.

Quando saltei na esquina dei um suspiro de alívio. E foi então que vi o primeiro cacho dourado de acácia.

Oh, Deusa das Árvores, eu te agradeço. Eu te agradeço pela tua força invencível que faz renascer a tímida alegria verde das fôlhas nos troncos mutilados e por essas flôres que se despencam sobre a rua.

Elas são o teu sorriso simples. No dia em que um homem sente a sua solidão e sua tristeza, e toda a humanidade em volta dele parece ao mesmo tempo distante e opressiva — tu és que trazes aos seus olhos a pequena festa cordial, o doce aviso da vida boa. Ele não pensa em amigo, nem em criança, nem em mulher, nem em bicho; todos esses seres são animais como ele, egoístas como ele, e pedem gestos, palavras, correspondências, pagamento.

Ele está cansado e gasto, enjoado de distribuir ternura e se sentir vazio — e tu lhe mandas essa humilde saudação gratuita, essa coisa tão bela que é uma penca de flôres, feita de fundo da terra e de vento e água do ar, feita de luz e de nada.

E ele, que não pedia nada, ele pára comovido diante de tua oferta, oh Deusa linda; e muito baixo, para que ninguém o ouça e o julgue louco, sem beijar uma pétala dessa flor, sem querer tocar sequer nesse milagre feliz, ele murmura "obrigado".

## A NOITE

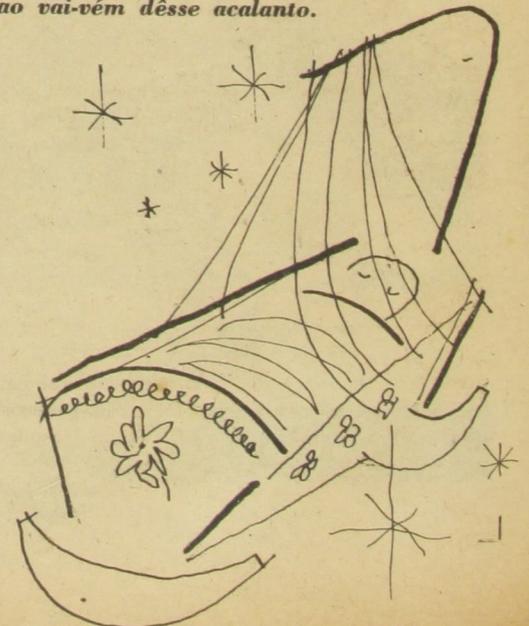
GABRIELA MISTRAL TRADUÇÃO DE HENRIQUETA LISBOA

*Não há mais luz : é sol-pôsto.  
Para que durmas, meu filho,  
Não há mais brilho que o orvalho,  
mais brancura que o meu rosto.*

*Para que durmas, meu filho,  
o caminho emudeceu.  
Soluça apenas o rio,  
nada existe senão eu.*

*Mergulhou-se o campo de névoa,  
cerrou-se o suspiro azul.  
Pousou como dedos leves  
por sobre o mundo, a quietude.*

*Não embalei tão somente  
ao meu filho, com o meu canto :  
ia a terra adormecendo  
ao vai-vém desse acalanto.*



## Agradecimento

Pende sobre a calçada, na minha rua, o primeiro cacho de ouro de uma acácia.

O dia está feio, é um dia de mormaço. Fui à cidade ver umas coisas, mas também o dia civil estava mormacento e ruim. Quem procurei não achei, e achei quem não procurei. O que eu queria não era possível.

Meio caceteado, meio aflito, fiquei impaciente e resolvi voltar para casa, ler um livro até a hora da janta, adiar qualquer providência e preocupação para o dia seguinte. Vim em um lotação apertado entre duas mulheres feias — uma sardenta e gorda,

outra com um cheiro gorduroso e enjoado nos cabelos — que não se conheciam mas entabularam longa e mortificante conversação sobre o meu cadáver.

A certa altura, quando o carro parou para descer um passageiro da frente, eu quis ser gentil e, sobretudo, me livrar daquela conversa sobre calor, empregadas e preço das coisas, que estava me massacrando: ofereci a uma das senhoras ocupar o meu lugar; eu passaria para o lado de fora.

Ela custou a entender, e afinal disse que não senhor, preferia ficar perto da janelinha.